



LEITURA LITERÁRIA DO CORPO FEMININO EM MARINA COLASANTI

LITERARY READING OF THE FEMALE BODY IN MARINA COLASANTI

Érica Gislene Paula Torres¹

Carlos Magno Gomes²

Resumo: Este artigo apresenta uma proposta de uma oficina literária a partir da ampliação do horizonte cultural do leitor com base no questionamento da desigualdade de gênero da violência doméstica. Metodologicamente, propomos uma prática de leitura dos contos “Verdadeira história de um amor ardente” e “Para que ninguém a quisesse” da coletânea *Um espinho de marfim e outras histórias* (1999), de Marina Colasanti, por meio de reflexões acerca da normatização do corpo feminino no espaço familiar. Para isso, partimos das considerações de Elódia Xavier e Carlos Gomes sobre as marcas de violência de gênero na literatura de autoria feminina.

Palavras-Chave: Violência doméstica; corpo feminino; oficinas literárias.

Abstract: This article presents a proposal for a literary workshop from the amplification of the cultural horizon of the reader based on the questioning of the gender inequality of domestic violence. Methodologically, we propose a practice of reading of the stories "Verdadeira história de um amor ardente" and "Para que ninguém a quisesse" from Marina Colasanti's collection *Um espinho de marfim e outras histórias* (1999), through reflections about the normatization of the female body in the family space. For this, we start from the considerations of Elódia Xavier and Carlos Gomes on the marks of violence of gender in the literature of feminine authorship.

Keywords: Domestic violence; female body; literary workshops.

Introdução

A seguinte proposta é composta por uma atividade de intervenção que visa à formação do leitor literário como nos sugere as diretrizes do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). A

¹ Mestre em Letras pelo PROFLETRAS da UFS. Professora das redes municipal e estadual. Bolsista Capes. E-mail: ninarevored@hotmai.com

² Prof. Dr. da UFS/CNPq e Membro do Mestrado Profissional em Letras em Rede da Unidade de Itabaiana. E-mail: calmag@bol.com.br

aplicação e coleta de dados aconteceram em turmas das séries finais do ensino fundamental de uma escola municipal de Ribeirópolis-SE, no segundo semestre de 2017. O enfoque dado nesta abordagem tem a peculiaridade de convidar os participantes a debaterem questões de gênero e de preconceito contra a mulher ainda presentes na sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que promove uma prática de leitura do texto literário. Tal método questiona e desloca valores patriarcais que impõem ao corpo feminino marcas de controle e punição.

Estrategicamente, aplicamos uma prática de leitura que valoriza questões interdisciplinares e ideológicas de acordo com o modelo cultural de leitura, que é guiado pela desterritorialização de valores sociais hegemônicos (GOMES, 2012, p. 19). A abordagem é desenvolvida por meio de um processo comparativo que explora intertextos culturais e sociais para a ampliação do sentido do texto literário a partir da referência à memória coletiva do leitor da escola onde a pesquisa se desenvolveu. Com esse movimento comparativo, estamos valorizando nossas experiências de leitura no processo de interpretação literária, que é produzida por meio das aproximações que o leitor faz entre o texto analisado, outros textos conhecidos e sua própria experiência de mundo conforme sugere Rouxel (2013).

Tal estratégia comparativa entre o texto analisado e os intertextos artísticos proporciona novas interpretações, pois é “imprescindível criar zonas de articulação... entre as obras do passado e as produzidas na contemporaneidade, entre a literatura e as demais modalidades da arte” (GENS, 2016, p. 175). Nesse caso, a memória do leitor também passa a ser referência, já que a sua experiência contribui para a ampliação dos sentidos do texto analisado, pois agrega valores tanto subjetivos como normas e práticas de sua comunidade.

Com o objetivo de promover uma leitura literária efetiva, faz-se necessária a prática da leitura subjetiva, com ênfase no leitor empírico e real. Por isso, a subjetividade deve ser impulsionada, uma vez que essa abordagem promove confiança ao aluno, pois explora seus valores pessoais e familiares. Nesse caso, é preciso dar liberdade ao leitor por meio de seus saberes, isto é, explorar a subjetividade particular para ir decifrando os sentidos do texto (ROUXEL, 2013, p. 82). Com isso, estamos abrindo o processo de leitura para o debate sobre as questões relacionadas à desigualdade de gênero com o intuito de conciliar diferentes pontos de vista, ampliando as interfaces discursivas do

processo de interpretação de um texto literário, visto que estamos acolhendo “as diferenças de gosto e de estética” (GENS, 2016, p. 175).

A seguir, apresentamos as considerações teóricas e metodológicas de como estudar as marcas do corpo feminino no texto literário.

Uma prática de leitura da identidade de gênero

A proposta de leitura apresentada neste artigo vai além de uma simples abordagem temática, pois tem como propósito fundamental a formação de leitores/as críticos/as, estudantes que sejam capazes de desconstruir os preconceitos de gênero observados em nosso convívio diariamente. Nesse rumo, propomos o deslocamento de práticas sociais, consideradas naturais, pois “as normas podem ou não serem explícitas, e quando elas operam como o princípio normalizador da prática social, elas geralmente permanecem implícitas, difíceis de perceber” (BUTLER, 2014, p. 252). Nos casos da violência contra a mulher, o poder de agredir pelo marido fica implícito, por isso é difícil o combate. Nessa perspectiva, pretende-se promover uma reflexão atualizada dos direitos da mulher por meio de um projeto de intervenção voltado para o questionamento das práticas simbólicas e físicas de violência contra a mulher ainda presentes em nossa sociedade conforme Gomes (2017).

Tal perspectiva de quebra de normas de gênero é fundamental para ampliarmos o debate acerca de como as normatizações propõem as divisões centradas no privilégio da força masculina e da fragilidade feminina. Entre as instituições que são apontadas pela repetição desses valores está a escola, apesar de ser um espaço da formação democrática de homens e mulheres, visto que, como instituição, ela “reproduz a estrutura de dominação, tanto social como de gênero”, ressaltando seu papel disciplinador (XAVIER, 2007, p. 80). Tal perspectiva normatizadora da escola é reconhecida por Guacira Lopes Louro, que destaca que a escola desde seu início separou os sujeitos “através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização”, entre eles, “separou os meninos das meninas” (1997, p. 57).

Essa separação ainda vem respaldada pelas normatizações de gênero presentes nos livros didáticos e por diversas atividades culturais que repetem valores hegemônicos: como o imaginário da princesa, da dona de casa dedicada, etc. Essas marcações do feminino continuam

sendo repetidas por normas que visam aprisionar a mulher aos padrões impostos. Nesse sentido, Judith Butler ressalta que a identidade de gênero não é fixa, mas é controlada por normas reguladoras, que classificam a atribuição do gênero a partir de expectativas sociais transmitidas de geração para geração: “esta é uma menina, então ela vai, quando crescer, assumir o papel tradicional da mulher na família e no trabalho; este é um menino, então ele assumirá uma posição previsível na sociedade como homem” (BUTLER, 2017)³.

Observa-se, nesse sentido, que mesmo depois de tanto tempo e com inúmeros avanços, a escola ainda reproduz a desigualdade de gênero presente na sociedade. Essas formas manifestam-se na maneira como os jovens julgam o corpo da mulher. O corpo feminino traz índices desses valores sociais, visto que é considerado mais frágil e está vinculado a ações biológicas e às exigências de reprodução, “deixando aos homens o campo do conhecimento e do saber” (XAVIER, 2007, p. 20).

Tal regulação do corpo feminino é marcada por interesses ideológicos hegemônicos e feministas. Os primeiros tentam manter os padrões e as normas como sempre foram impostas. Os segundos lutam pelos deslocamentos identitários que libertam a mulher das amarras impostos pela sociedade patriarcal. Assim, os corpos femininos estão sujeitos a esses valores, que ora repetem padrões culturais, ora propõem alternâncias. Sobre a questão do corpo, Guacira Louro considera que precisamos observar seu aspecto cultural, deixando de lado a ditadura do “biológico”, pois já reconhecemos que, historicamente, há compreensões diferentes e distintas sobre as possibilidades de construção de nossos corpos enquanto masculinos e femininos (LOURO, 1997).

Nesta sugestão de trabalho, com o intuito, portanto, de revisar as formas corporais, agregamos valores sociais e morais para analisar como o corpo da mulher é representado na literatura de Marina Colasanti. Quando pensamos na violência doméstica, estamos preocupados em identificar as normas que regulam homens violentos que controlam e punem suas esposas em nome da manutenção da ordem familiar. Em situação de conflito, o espaço da família passa a ser um território de desrespeito à mulher. Em seus estudos acerca da autoria feminina brasileira, Gomes tem apontado particularidades da literatura contemporânea voltadas para questionar o estupro e o feminicídio como

³ Judith Butler (2017) retoma os principais conceitos sobre sua teoria da performance de gênero, pregando a liberdade de escolha das identidades sexuais marginalizadas, após ser questionada, em sua passagem pelo Brasil.

uma consequência de um sistema patriarcal opressor que relativiza a violação do corpo feminino como um ato de masculinidade e como uma questão de honra (2014).

Em um estudo sobre normatizações de gênero na ficção de autoria feminina, Elódia Xavier apresenta uma tipologia para o corpo feminino que identifica essas formas de controle. Para isso, ela propõe dez tipos de corpos normatizados, que tem como objetivo identificar as especificidades da opressão e da violência contra a mulher. Nesse método, Xavier destaca o quanto as práticas no interior da família controlam, disciplinam e marginalizam a mulher, pois a representação dos corpos expõe “práticas sociais vigentes, uma vez que as ações corporais são orientadas pelos e para os contextos institucionais” (2007, p. 26).

Para esta pesquisa, metodologicamente, restringimos essa tipologia para quatro corpos: “disciplinado”, “imobilizado”, “invisível” e o “liberado” com o objetivo de adequarmos a proposta ao contexto dos alunos do ensino fundamental. Com uma parte introdutória, explicamos os sentidos de cada corpo e os valores ideológicos envolvidos em cada representação. Essa abordagem mostrou-se bastante significativa para a formação crítica dos alunos que participaram desta pesquisa. Para melhor entender essa tipologia, apresentamos, de forma resumida, as principais considerações de Xavier sobre cada um dos corpos trabalhados no processo de leitura.

O corpo “disciplinado” tem como marcas principais a obediência e a docilidade da esposa ao marido e é controlado pela sistemática “que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante” (XAVIER, 2007, p. 59). O corpo “imobilizado” é brutalmente desprovido de mobilidade, pois só lhe resta exercer o papel de figurante de um marido dominador que tira a atuação da esposa para impor a disciplina, “de tal forma que anula toda e qualquer iniciativa” (XAVIER, 2007, p. 78). O terceiro corpo é o “invisível”, que está presente nas narrativas em quem a mulher é anulada por indiferença masculina, passando a ser vista como um ser “sem identidade” e sem importância para o marido (XAVIER, 2007, p. 31).

Com os avanços da luta pelos direitos da mulher, em oposição às marcas da dominação masculina, presentes nos corpos anteriores, Elódia Xavier ressalta a presença do corpo “liberado” como uma forma inovadora de representar a mulher na literatura e tem marcas das conquistas feministas. Esse corpo é representado por personagens

femininas que se desvinculam da dominação masculina, que “significa a liberação de esquemas predeterminados, coercitivos e repressores” (XAVIER, 2007, p. 179). Tal representação ressalta a transgressão e ruptura com as normas impostas. Sendo assim, esse corpo é o de uma mulher que abandona as normas rígidas de gênero para viver em liberdade.

Nessa perspectiva, reconhecemos a importância dos estudos de gênero para a formação crítica do leitor, pois trazemos para o processo de interpretação do texto literário, valores morais que controlam e limitam as ações das mulheres. Nesse rumo, exploramos a proposta de Carlos Gomes (2014) que sugere uma abordagem interdisciplinar da leitura do texto literário, privilegiando a ampliação de novos valores sociais para a comunidade interpretativa do leitor.

Esse método de leitura questiona as influências dos valores morais e éticos das representações de gênero, “sugerindo a abertura dos significados do texto a partir da luta da mulher por emancipação” (GOMES, 2014, p. 127). Por ser uma prática de leitura que perpassa aspectos interdisciplinares, seguimos as sugestões de Armando Gens, que identifica no texto literário o contato com diversas vozes sociais próprias de uma cultura híbrida, como a brasileira, e em oposição a “colocações preconceituosas que certos grupos dirigem às manifestações populares que possam ferir o conjunto de valores da academia ou da escola” (2016, p. 175).

Por esse recorte metodológico, os/as alunos/as serão levados/as a analisar como a identidade das personagens dos contos escolhidos foi representada estética e ideologicamente. Assim, as questões de gênero, a partir da observação da violência doméstica, serão debatidas nos roteiros de leitura preparados para a oficina que será apresentada em seguida. Com essa abordagem, ressaltamos aulas de leitura que vão além da transmissão de conteúdo, pois estamos valorizando “vias para o enfrentamento ou a superação das desigualdades de gênero na educação” (LOURO, 1997, p. 110). Isso é possível quando valorizamos a importância do direito da liberdade da mulher exercer sua performance de gênero como lhe for desejável, pois exercer a liberdade de seu corpo faz parte de sua identidade como sustenta Butler (2017).

A seguir, apresentamos as etapas da oficina, as atividades desenvolvidas, o roteiro de leitura dos contos de Colasanti e os resultados desta atividade de intervenção.

Oficina literária: a violência doméstica no corpo feminino

Esta oficina está dividida em três momentos. No primeiro abordaremos a temática da violência de gênero a partir do horizonte cultural dos participantes. No segundo, apresentaremos a tipologia de corpo feminino construída por Elódia Xavier. E, por último, no terceiro momento, leremos e debateremos como o corpo feminino é representado na ficção de Colasanti, explorando os elementos estéticos das duas narrativas selecionadas.

Primeira etapa: a normatização do corpo da mulher

Com o intuito de detectar como o leitor se coloca diante da violência contra a mulher, iniciamos com a aplicação de um questionário sobre papéis de gênero. Em seguida, serão apresentadas as abordagens de gênero que darão sustentação ao debate metodológico, com foco nas marcas do corpo feminino. A turma será, então, dividida em dois grupos, haverá dois desenhos de corpos fixados no quadro da sala para cada grupo: um de um corpo feminino e outro de um corpo masculino. Seguindo a dinâmica, os grupos retirarão de uma caixa pedaços de papéis nos quais conterão escritas algumas situações do dia a dia e que eles terão que fixá-las nos corpos de acordo com o que entendem serem realizadas por homens ou mulheres. Caso eles considerem alguma atividade como apta a ambos os gêneros, deverão colocá-la entre os desenhos.

Quadro 1 - lista de atividades domésticas e de entretenimento

Lavar louça	Dirigir carro	Ler livros	Lavar roupa	Secar a louça	Jogar videogame
Dar aula	Fazer aula de dança	Ensinar o dever ao filho	Dirigir caminhão	Cuidar das crianças	Levar o carro para o conserto
Pilotar avião	Varrer a casa	Lavar o carro	Trabalhar fora de casa	Cozinhar	Jogar futebol

Fonte: os autores

Após essa tarefa, vários questionamentos serão levantados: Por que determinada atividade foi destinada ao homem? Por que o grupo não colocou a atividade “x” para as mulheres ou vice-versa? Qual perfil

de mulher vocês criaram com essas atividades? E qual o de homem?, entre outras. Com isso, abre-se uma discussão sobre as questões de gênero para que os alunos compartilhem os valores sociais de horizonte cultural. Conclui-se esse momento, identificando as marcas da desigualdade de gênero presentes na comunidade deles.

Segunda etapa: tipos de corpos

Iniciamos esta etapa, apresentando textos que trazem as representações do corpo da mulher na cultura brasileira e analisando as diferenças entre a forma como o corpo feminino é representado em letras de músicas antigas, conservadoras, e atuais, com um viés feminista. Iniciamos com o texto de “Ai que saudade da Amélia”, composta por Mario Lago, levantando alguns questionamentos sobre a representação dessa Amélia:

Às vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer
E quando me via contrariado dizia
Meu filho o que se há de fazer

Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia que era a mulher de verdade

Fonte: Mario Lago⁴

A letra da música de Lago traz a representação de um corpo feminino disciplinado e quase invisível, pois só existe como parte da identidade do companheiro, não reclama de nada. Por essa concepção masculina, o corpo feminino é uma extensão do desejo do homem, por isso reclama da atual companheira, que faz exigências para ficar ao lado dele. Tal reflexão é importante para contrastar o corpo da Amélia com o da mulher liberada, representada na versão de Pitty, “Desconstruindo Amélia”, que reler a música de Lago pelo olhar feminista, isto é, de uma mulher emancipada e não aceita mais ser submissa ao homem:

Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar (Uhu!)
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo

⁴ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/mario-lago/ai-que-saudades-da-amelia.html>>. Acesso: 07 out. 2017.

Faz questão de se cuidar (Uhu!)
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também.

Fonte: Pitty⁵

A versão de Pitty revisa a representação do corpo feminino submisso proposto na canção de Lago, pois é questionadora e ciente da desregulação de gênero. O contraste entre os dois corpos representados nessas músicas é fundamental para abrir o horizonte crítico do leitor/a, visto que o corpo feminino da canção de Lago idealiza a mulher submissa, já o da canção de Pitty reforça a necessidade de liberdade da mulher. Nesse segundo texto, há uma mudança de atitude da mulher, que passa a ser independente e ocupa o mesmo espaço que o homem ocupa na sociedade, por isso é autônoma, isto é, um corpo liberado.

Nessa fase, propomos duas atividades para a identificação e classificação dos corpos femininos: na primeira, montamos um quadro comparativo entre as posições corporais da mulher no texto de Lago e de Pitty. Na segunda, pedimos que fossem desenhados tipos de corpos femininos no espaço doméstico. Com esses dois momentos, desenvolveu-se a classificação e identificação dos tipos de corpos femininos usados nesta oficina. Os desenhos dos alunos exemplificam como essa classificação foi bem assimilada pela turma.

Desenho do corpo disciplinado



Desenho do corpo imobilizado



Fonte: acervo dos autores

Terceira etapa: o corpo feminino em Colasanti

Depois das etapas iniciais, nas quais apresentamos o tema da violência contra a mulher, seguida da identificação dos intertextos

⁵ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/pitty/desconstruindo-amelia.html>>. Acesso: 07 out. 2017.

mediáticos que reproduzem a submissão do corpo da mulher ao desejo do homem, e de debate em torno das possibilidades como a mulher pode mudar essa desigualdade de gênero, passemos à leitura dos contos “Verdadeira história de um amor ardente” e “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti.

Por serem textos bem curtos, reservamos 05 minutos para esse momento. No segundo momento, os grupos se reúnem para trocar experiências de leituras e propor uma interpretação para os dois contos, destacando os valores morais que disciplinam o corpo feminino na ficção de Colasanti. Nesse processo, coordenamos a exposição de valores que cada grupo destacou para o corpo da mulher, sugerindo a identificação de aspectos morais relacionados à dominação masculina e à submissão feminina, levando em conta as abordagens de Judith Butler e Elódia Xavier.

Na sequência, foi aplicado um roteiro de leitura que visa à identificação dos tipos de corpos femininos representados nesses contos:

Roteiro interpretativo dos contos de Marina Colasanti⁶

Releia alguns fragmentos do conto “Para que ninguém a quisesse”. Em seguida, responda às questões 01 e 02.

Questão 01 - Qual a relação de poder que os verbos abaixo apresentam entre o marido e a esposa?

"... **mandou** que descesse a bainya..."

"...**exigir** que eliminasse os decotes..."

"... **permitindo** que fluísse em silêncio..."

Questão 02

Nesse conto “Verdadeira história de um amor ardente”, há um personagem masculino, que movido pela solidão, resolve criar uma companheira. Essa, no entanto, é feita de cera e esculpida segundo os padrões de beleza e anseios daquele. O que essas ações sugerem quanto à personalidade desse homem?

Fonte: autores

Depois desse momento, houve a apresentação dos pontos de vistas dos grupos e o debate a partir dessa leitura subjetiva. Em seguida, o professor apresentou um pequeno roteiro de leitura, destacando a

⁶ A versão final desse roteiro é composta de dez questões, que exploram tanto aspectos estéticos como a identificação dos tipos de corpos e aspectos da violência doméstica.

forma como o corpo feminino foi representado em “Verdadeira história de um amor ardente” e “Para que ninguém a quisesse”, destacando que tais contos trazem marcas simbólicas e sociais da violência doméstica, praticada por meio do menosprezo e da anulação da figura feminina em seus respectivos contextos.

No roteiro de leitura de “Verdadeira história de um amor ardente”, priorizamos a reflexão acerca do corpo disciplinado. O debate se inicia dando destaque para o jogo estético e simbólico, pois a narrativa traz a fantasia de o homem construir sua esposa como uma boneca de cera, que se adapta aos desejos dele. Essa personagem feminina traz as marcas do abuso masculino, pois é um corpo esculpido pelas necessidades do homem, que “começou a moldar aquela que preencheria seus desejos” (COLASANTI, 2012, p. 56). Esse corpo de cera maleável se aproxima muito do desejo masculino de total controle do corpo da mulher. Tal metáfora do corpo de cera retoma a questão da regulação de gênero, pois o corpo da boneca é normatizado pelo desejo do homem: “formando e deformando a amada no fluxo do seu prazer” (COLASANTI, 2012, p. 57).

Nesse tipo de relação, Elódia Xavier afirma que “a descoberta do corpo como objeto e alvo do poder suscitou uma teoria geral do adestramento, no centro da qual reina a noção de docilidade” (XAVIER, 2007, p. 58). Muitos homens esperam que suas esposas sejam passivas e dóceis diante de seus desejos. Colasanti reproduz essa obsessão masculina ao retratar um homem que lapida um corpo dócil de cera para não ser contrariado. Esse jogo irônico alcança seu ápice quando, após um longo período em que atinge seu prazer com o corpo da boneca, o homem se cansa e se desfaz dela, visto que a docilidade e maleabilidade da boneca não eram suficientes para superar seu tédio.

De forma cruel, esse conto finaliza a relação doentia do homem com corpo feminino, pois depois de se sentir entediado, ele a queima com o isqueiro que acendia o cigarro, quando “inflamou a trança da mulher, iluminando o aposento” (COLASANTI, 2012, p. 57). Com essa opção, o conto parodia um feminicídio atroz, que nasce do um ato de insatisfação do marido com o corpo da mulher. Esse final descreve um crime em que o homem elimina a mulher por ela não ser mais útil para seus prazeres. Com a metáfora desse corpo feminino queimado por um homem que usa e abusa do corpo da companheira, a narrativa abre uma reflexão sobre o assassinato como o ápice da violência doméstica: “E, sereno, começou a ler à luz do seu passado amor, que queimava

lentamente” (COLASANTI, 2012, p. 57). A ideia de corpo descartável, que prevalece nesse conto, representa, portanto, o feminicídio.

No conto seguinte, “Para que ninguém a quisesse”, continuamos o debate e as reflexões sobre os tipos de violência doméstica, dando destaque para as formas de opressão que resultam em um corpo imobilizado. Essa narrativa retoma a ideia do homem possessivo, destacando os passos da opressão psicológica e física que ele impõe para neutralizar as ações da esposa. Não há personagens identificadas por nomes próprios, apenas a indicação de que são marido e esposa e suas reflexões têm início logo no título, pois não se sabe ainda a quem se refere ao pronome indefinido “ninguém” e ao feminino “a”, descobertos logo após a leitura. A narrativa tem início com a voz do narrador explicando o motivo da atitude obsessiva e dominadora do homem em relação à esposa.

Porque os homens olhavam demais para sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Apesar disso sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos. Dos armários tirou as roupas de seda, das gavetas tirou todas as joias. E vendo que, ainda assim, um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela, pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos ” (COLASANTI, 2012, p. 80)

Essa descrição da forma como o corpo da mulher é tratado reforça o controle e a vigilância masculina. A estratégia usada por esse marido para impor o corpo disciplinado é própria do sistema patriarcal, no qual o marido exige disciplina e obediência para não ter seu nome desonrado socialmente. Impulsionado pelo ciúme e pelo medo de ser traído, ele exige que ela deixe de se arrumar para não chamar à atenção de outros homens. Esse personagem passa por uma crise de masculinidade, por isso perde a confiança na esposa e passa a se sentir ameaçado por uma infidelidade imaginável (GOMES, 2016, p. 156). Ele passa a lhe impor limites de forma doentia até conseguir imobilizá-la

Após tirar da esposa tudo que lhe pertencia, “agora podia viver descansado” (COLASANTI, 2012, p. 80). No entanto, a mulher perde sua liberdade e seu desejo de viver, passando a ser “mimetizada com os móveis e as sombras” (COLASANTI, 2012, p. 80). Essa anulação nos remete aos corpos imobilizado e invisível. Esse segundo é descrito por

Xavier como o de uma “corporalidade psíquica anulada, uma vez que é definida pela negatividade, pela ausência” (XAVIER, 2007, p. 56). A personagem de Colasanti sucumbe diante da opressão psicológica. Diante de uma mulher imobilizada, o marido começa a sentir os efeitos de sua opressão e perde o interesse pela mulher, por quem tivera um “desejo inflamado” (COLASANTI, 2012, p. 80).

Assim, a partir do momento em que descobre que ele perdeu o interesse pela mulher invisível que transitava por sua casa, ele tenta desesperadamente regatá-la de sua inércia: “[...] lhe trouxe um batom. No outro dia um corte de seda. À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos” (COLASANTI, 2012, p. 80). Todavia, a mulher desiste de si, não queria mais ficar bonita, “[...] nem pensava mais em lhe agradar” (COLASANTI, 2012, p. 81). Em um processo de libertação das normas impostas pelo gosto do marido, ela impõe sua resistência e não cede mais aos caprichos dele. Com o fim do amor entre eles, a rosa que lhe foi dada, desbotou sobre a cômoda, remetendo ao fim do relacionamento, motivado por uma regulação de gênero que reconhece simbolicamente que o marido tem direito de posse do corpo feminino (GOMES, 2015).

Esteticamente, os dois contos deslocam os valores machistas por meio da ironia e do absurdo. A ironia de um homem que tranquilamente atea fogo no corpo da mulher, enquanto fuma, em “Verdadeira história de um amor ardente”, e o absurdo do cárcere privado imposto à mulher por meio de um assédio moral impiedoso e fatal em “Para que ninguém a quisesse”. Esses protagonistas masculinos exploram a fantasia de controlar, vigiar e punir o corpo da esposa de acordo com os padrões patriarcais. Ao deslocar esses valores por meio da ironia e da paródia, Colasanti contesta a regulação de gênero tradicional e expõe o controle, o castigo e a punição como faces perversas do patriarcado hegemônico (GOMES, 2017).

Finalizando esta oficina, foi aplicada uma avaliação de nossa proposta pedagógica com análise do horizonte cultural dos envolvidos nesse processo de leitura do texto literário. Nessa etapa, averiguamos que os alunos se colocaram de forma crítica diante dos corpos femininos representados nos dois contos. Eles destacaram que as etapas iniciais foram importantes para uma visão crítica de “como” a violência doméstica é silenciada na comunidade deles. Assim, constatamos que houve ampliação do horizonte cultural dos participantes no que se refere à identificação da violência simbólica e psicológica que a mulher sofre no

espaço doméstico e que esses valores deram sustentação para a leitura dos textos de Colasanti.

Resultados e considerações finais

As etapas iniciais de inserção do tema e sondagem do horizonte de expectativa dos/as participantes é fundamental para o desenvolvimento da terceira etapa da oficina. Nesse caso, partimos das subjetividades e da memória pessoal do/a leitor/a como sugere Rouxel (2013). Com a inclusão dos conceitos de corpo feminino propostos por Xavier (2008), a temática foi sendo reconhecida pelos/as participantes. Portanto, a proposta de uma leitura que priorize a camada ideológica do texto torna-se mais dinâmica quando esses valores são compartilhados pelos/as leitores/as ou por sua comunidade conforme sugere Gomes (2012). Na comunidade onde a pesquisa foi desenvolvida, ouvimos muitos relatos de garotos e garotas que já tinham visto ou ouvido falar de mulheres que sofreram violência doméstica. Partindo desse contexto, os conceitos e as propostas de leitura foram bem assimiladas.

Diante das especificidades do conto “Verdadeira história de um amor ardente”, os /as alunos/as tiveram dificuldades em entendê-lo pela linguagem simbólica usada por Marina Colasanti. Após a explicação dos sentidos da boneca de cera, um corpo imobilizado para os prazeres do marido, os/as participantes puderam perceber a relação dessa representação com o relacionamento em que a esposa é manipulada e usada como se fosse um objeto do marido. Depois dos debates, os/as discentes concordaram que essa narrativa também traz as marcas do corpo invisível, pois a mulher só existe para o marido, sendo anulada socialmente.

No segundo conto, “Para que ninguém a quisesse”, os/as participantes identificaram o corpo disciplinado e a imposição de normas muitos parecidas com as praticadas na comunidade deles. Isso ficou visível quando destacaram que o marido tira da mulher tudo aquilo que a torna mais bonita, como joias e roupas e corta seu cabelo. Os jovens leitores concordam que essa forma de controle do corpo feminino tem a finalidade de anular a beleza da mulher. Além disso, esse conto causou indignação às alunas, pois era muito parecido com o que acontecia em suas famílias. Elas relataram que conheciam mulheres que, por proibição do esposo, não podiam ir à academia, nem usar vestidos que não fossem

abaixo do joelho. Para os/as alunos/as não houve dúvidas, tratava-se de um corpo feminino disciplinado por um homem ciumento.

Portanto, a ampliação do horizonte cultural desses/as participantes pode ser identificada nas respostas obtidas pelo questionário respondido, demonstrando que eles/elas compreenderam os sentidos da violência doméstica nas narrativas.

Resposta 1: referente ao conto “Verdadeira história de um amor ardente”

5. Segundo a tipologia corporal de Elódia Xavier, estudada em sala, que tipo (s) de corpo (s) a personagem feminina desse conto detém? Retire trechos do texto que exemplifiquem sua resposta.

Imobilizada. Era uma dama de nobre silêncio. Porque ela a empalideceu, tornando-se em mancha.

Fonte: acervo dos pesquisadores

Resposta 2: referente ao conto “Para que ninguém a quisesse”

Vamos refletir sobre os contos de Marina Colasanti trabalhados em sala de aula!

1. Releia alguns fragmentos do conto “Para que ninguém a quisesse”. Em seguida, responda à questão.

“... mandou que descesse a babinha...”

“...exigir que eliminasse os decotes...”

“... permitindo que fluísse em silêncio...”

- Qual a intenção da autora ao escolher os verbos destacados?

É de que suas falas são uma forma intencional de controle, onde ela se faz aquela mulher mandona na mulher.

Fonte: acervo dos pesquisadores

Tais posicionamentos evidenciam um entendimento sobre as sutilezas da violência de gênero e a tipologia corporal privilegiada nesta oficina. Além disso, essas respostas constataam que houve a identificação de recursos estéticos que questionam a violência doméstica: como o uso da boneca, no primeiro conto, para substituir o corpo da mulher; e a flor murcha no segundo, simbolizando o fim de uma relação. Nos dois casos, por meio da leitura colaborativa realizada, os/as alunos/as puderam observar a relação entre mundo real e ficção e o quanto que a arte interpreta de forma crítica a realidade.

Em relação ao tema da violência contra a mulher, os/as alunos/as destacaram que já tinham visto alguns casos em novelas. Por isso, ao analisarem esse crime no texto literário, passaram a ter consciência do quanto esse problema ainda é atual, pois usaram dados de sua família ou da comunidade para a discussão inicial. Além disso, na exposição de suas interpretações, eles expuseram seu posicionamento

diante do que fora desenvolvido ao longo da oficina, convidando também os que se faziam presentes a participarem das discussões.

Finalizando, destacamos o depoimento de um participante que, na primeira etapa desta oficina, tinha dito que uma mulher não teria capacidade para gerenciar uma empresa. No entanto, após nossas leituras e reflexões, reconheceu que uma mulher pode sim gerenciar com sucesso um empreendimento, pois reconhecia que homens e mulheres têm a mesma capacidade. Dessa forma, foi surpreendente notar que todo o caminho percorrido surtiu impacto neles/as e que as aulas de língua portuguesa serviram para expor e questionar concepções machistas ainda presentes nessa comunidade.

Referências

BUTLER, Judith. Desregulando gênero. **Cadernos Pagu**. Campinas, Unicamp, vol. 42, p. 249-274, 2014.

BUTLER, Judith. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. Folha de São Paulo, **Caderno Ilustradíssima**, 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>. Acesso em 17 nov. 2017.

COLASANTI, Marina. **Um espinho de marfim e outras histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GENS, Armando. Literatura e ensino: “quem sabe ler enxerga melhor...”. **Pontos de Interrogação**, v. 6, n. 2, jul.-dez., p. 161-178, 2016.

GOMES, Carlos Magno. O modelo cultural de leitura. **Nonada - revista em letras**. Porto alegre, v. 18, p. 167-183, Jan-Jun, 2012.

GOMES, Carlos Magno. **Ensino de Literatura e Cultura: do resgate à violência doméstica**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

GOMES, Carlos Magno. Violência de gênero: estratégias para a formação do leitor. In: **Revista Língua & Literatura**, v.17, n.30, p. 279-295, 2015.

GOMES, Carlos Magno. Literatura e performances políticas sobre a violência contra a mulher. **Pontos de Interrogação**, Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Alagoinhas v. 7, n. 2, jul.-dez., 2017.

LAGO, Mario. **Ai que saudade da Amélia**. Composição de Ataulfo Alves e Mário Lago. In: A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes. Faixa 1 (Pout-Pourri / 1973) Produtor: J. C. Botezelli (Pelão). São Paulo: SESC São Paulo, 2000. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/mario-lago/ai-que-saudades-da-amelia.html>> Acesso em: 17 out. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PITTY. **Desconstruindo Amélia**. Composição de Pitty e Martin. In: Chiaroscuro. Faixa 7. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2009. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/pitty/desconstruindo-amelia.html>> Acesso em: 17 out. 2017.

ROUXEL, Annie. Autobiografia de leitor e identidade literária. Trad. Neide Luzia de Rezende. In: ROUXEL, Annie, et al. (orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de Literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p, 67-83.

XAVIER, E. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

Recebido: 15/01/2018

Aprovado: 15/03/2018